

DIREITA E ESQUERDA: VOLVER!

Ana Raquel MOTTA (PG - Unicamp / Fapesp)

Sírio POSSENTI (UNICAMP / CNPq)

Para os conflitos fugazes, tênues, a decisão de um diretor de jornal de encerrar uma controvérsia pode ser suficiente; mas as polêmicas de envergadura, as que atribuem seu sentido a uma época, não é assim que se resolvem: cada uma é provida de tantos circuitos de difusão quantos lhes são necessários e eles serão conservados enquanto o debate disser respeito a um real.

Dominique Maingueneau, *Gênese dos Discursos*, p. 120

Introdução

Neste trabalho, analisaremos alguns aspectos de um corpus mais ou menos peculiar. Em 01/10/2007, o apresentador de televisão Luciano Huck publicou o artigo “Pensamentos quase póstumos”, na página A3 da *Folha de S. Paulo*, seção Tendências/ Debates, contando de um assalto que sofrera na véspera, nos Jardins, em São Paulo. Seguiu-se uma avalanche de cartas de leitores, comentários de diversos colunistas e muitos textos na internet e em outros jornais e revistas.

Não faremos deste material uma análise exaustiva. Consideraremos apenas alguns aspectos, também com a finalidade de colocar – ou recolocar – em debate certos conceitos. Para tanto, começaremos por tomar posição relativamente a uma questão que tem sido objeto de debate especialmente no campo político.

1. A AD e o “Fim das Ideologias”

Desde o início da década de 1990, ganha força um discurso sobre a desideologização da sociedade e da política. Um dos textos mais representativos desse discurso é o artigo “O fim da história” (Fukuyama, 1989), defendendo, em linhas gerais, que atualmente não há mais conflitos ideológicos porque não há alternativas coerentes à democracia liberal ou ao capitalismo. Tal discurso é recorrente em épocas de eleição, quando se tematizam as semelhanças entre os diferentes partidos e candidatos e, quase invariavelmente, se conclui que não existem mais diferenças ideológicas.

Um exemplo recente: na eleição de 2002, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou reportagem sobre os quatro principais candidatos à Presidência - Lula, José Serra, Ciro Gomes e Antony Garotinho - cuja manchete era “Candidatos ao mesmo discurso”. Nessa reportagem, foram selecionadas declarações dos quatro políticos citados sobre alguns temas, para mostrar o quão parecidos eram seus discursos. Em certo ponto do texto, lê-se:

O ‘blá-blá-blá’ (...) tem a mesma maquiagem e busca o mesmo efeito no eleitor. A impressão que se tem é que não há candidatos com divergências ideológicas: todos estão em algum ponto entre o centro e a esquerda.¹

Em tal mundo, o que faria uma Análise do Discurso que nasceu de certa forma para discernir claramente ideologias (materializadas em formações discursivas)? Refugiar-se-ia em análises mais lingüísticas? Migraria para espaços nos quais a questão da ideologia – e seus correlatos, como formações discursivas, posicionamentos –

pudessem parecer irrelevantes? O que seria de noções como interdiscurso, que, em grande medida, se vivifica nos confrontos e nas polêmicas?

No entanto, desmentindo Fukuyama, os conflitos sociais, que se materializam discursivamente, insistem em contrariar a tese do “fim da história”. Mesmo um texto como o de Luciano Huck, aparentemente banal, ou desvinculado daquele debate, juntamente com sua repercussão, testemunha que a história continua e que os conflitos não só estão vivos, mas também, de certa forma, se repetem.

Por constituir um corpus ideologicamente bastante organizado, é possível realizar até bastante facilmente, nos limites deste artigo, uma análise com base em orientações teóricas do clássico trabalho de Courtine (1981).

No capítulo III, “Orientações teóricas da pesquisa”, Courtine afirma que, numa pesquisa em Análise do Discurso, “convém, em primeiro lugar, determinar a escolha de uma seqüência discursiva como ponto de referência a partir do qual o conjunto dos elementos do corpus receberão sua organização”(p. 54). Para o presente corpus, a *seqüência discursiva de referência (sdr)* é obviamente o texto “Pensamentos quase Póstumos”, pois foi em torno desse artigo que se produziu um debate, na maioria das vezes polêmico, que o tomou como referência.

No mesmo capítulo, Courtine propõe que o corpus seja repartido, a partir da *sdr*, em domínios a que ele chama de *domínio de memória (Dmem)*, *domínio de atualidade (Dat)* e *domínio de antecipação (Dant)*. Tais domínios, longe de fixar ou organizar cronologicamente o corpus, são construções do analista que visam a “caracterizar as repetições, as rupturas, os limiares e as transformações de um tempo processual” (p. 56).

Este é, pois, um dos elementos que analisaremos: os domínios relevantes para o corpus em questão. E ver-se-á que eles decorrem das posições ideológicas antigas e conflitantes.

2. Domínio de Memória na Questão da Segurança Pública

Como ficará claro, contrariamente ao discurso do fim das ideologias (ou da história), as diferenças ideológicas estão vivas. Uma das questões mais candentes desse embate é exatamente uma caracterização de direita e de esquerda, pois estas seriam exatamente as formações desaparecidas.

Bobbio (1994) tornou-se uma referência clássica quando se trata dessa questão. Para ele, a distinção básica entre esquerda e direita é que a primeira é mais igualitária e a segunda mais inigualitária. Bresser-Pereira (2007), por sua vez, propõe outra interessante diferenciação entre direita e esquerda:

Meu conceito de esquerda e direita tem como critérios a justiça social e a ordem pública, de um lado, e o reconhecimento ou não da necessidade de intervenção do Estado na economia, de outro. Enquanto alguém de direita prioriza sempre a ordem em relação à justiça, quem é de esquerda está disposto a arriscar a ordem em nome da justiça social; enquanto o conservador é hoje um neo ou ultraliberal, o progressista defende um grau razoável de intervenção do Estado para corrigir as falhas alocativas e distributivas do mercado (p.83).

Se quiséssemos ensaiar uma semântica “global” (ver Maingueneau, 1984) dessas duas formações discursivas (aceitemos essa categoria, por ora), certamente os semas /**igualdade**/ e /**justiça**/ seriam os fundamentais da esquerda e os semas /**diferença**/ e

/ordem/ seriam os fundamentais da direita. Semas “secundários” seriam os relativos ao papel da natureza (maior para a direita) e da sociedade (maior para esquerda), ao do Estado (menor para a direita, exceto quanto se trata de repressão, em decorrência do sema /ordem/) e maior para a esquerda (como corretor de desigualdades) e do Mercado (em relação ao qual se inverte a posição anterior) etc.

Levando em conta apenas a primeira parte da diferenciação proposta por Bresser-Pereira como ponto de partida, dir-se-ia que um posicionamento típico de esquerda é priorizar a justiça social, e um posicionamento típico de direita é priorizar a ordem (pública).

Em relação ao tema da segurança, o posicionamento de esquerda considera que a dita marginalidade ou violência não é um problema *natural*, mas uma consequência da miséria e da falta de oportunidades, portanto, decorre da injustiça social. Segundo esse ponto de vista, para combater a violência pública seria necessário fazer a economia crescer, erradicar a miséria, oferecer melhores perspectivas de vida à população etc. Essa posição ideológica “compreende” ações como assaltos, como o de que trata o artigo de Huck, e explica-o (o que é lido como “defesa” pela outra FD) como consequência da falta de justiça e de oportunidades de vida melhor. Assim, essa posição pode ser representada pelo seguinte enunciado:

ESQUERDA: *a violência é efeito de condições precárias e, portanto, o combate à violência se faz pela melhoria das condições de vida da população / com maior justiça social.*

Em relação à mesma questão, o posicionamento de direita considera que os homens são divididos entre “honestos/bons” e “delinqüentes”² (essa divisão seria natural, até condicionada geneticamente...) e que os “delinqüentes”, por perturbarem a ordem pública, devem ser (duramente) punidos, isolados do convívio social – versões mais radicais preconizarão sua eliminação, através da pena de morte. O mesmo assalto é visto dessa posição como uma perturbação na ordem social (além de uma violação de direitos individuais), e, portanto, deve ser reprimido. Podemos representar esse posicionamento pelo enunciado

DIREITA: *a violência decorre de fatores naturais, portanto, o combate à violência se faz por meio da ação repressiva do Estado para garantir a ordem social e eliminar ou isolar os que não a respeitem.*

Complementando a diferenciação básica proposta por Bresser-Pereira, pode-se dizer que, na questão da segurança pública, para a direita prevalecem os valores concretos (a propriedade, a tranquilidade no cotidiano dos cidadãos de bem e o bem-estar de suas famílias); para a esquerda, prevalecem valores que a direita considera abstratos, utópicos (justiça, igualdade, cidadania, direitos humanos).

A partir da década de 1980, com a crescente falta de segurança pública nas cidades brasileiras e a chegada de partidos de esquerda ao poder em algumas prefeituras e governos de Estados, a esquerda vê-se diante de um tema imposto: precisa discutir o papel da polícia, do aparelho repressor do Estado, propor respostas mais imediatas à violência. Tal tema é imposto no sentido de que faz parte historicamente de projetos de governo, mas também (em sentido menos técnico) porque não era discutido (ou melhor, não havia propostas de medidas “concretas”) pela esquerda brasileira como oposição: a

marginalidade era explicada como consequência de desigualdade e se solucionaria com justiça social. A urgência em atacar o problema da violência fez com que ele fosse objeto de propostas de combate direto, e não apenas através do ataque a suas causas, como na conjuntura anterior.

Nessa nova conjuntura, as propostas da esquerda e da direita ainda podem ser discernidas (por exemplo, é mais típico da esquerda falar mais em prevenção e em polícia inteligente / científica, e menos em repressão e cadeia, o avesso do discurso da direita).

No entanto, pelo menos um episódio se tornou “memorável” (especialmente por ser bastante polêmico). Quando José Genoíno foi candidato ao governo de S. Paulo (em 2002), chegou a utilizar a expressão “rota na rua”, embora insistisse que se tratava de uma medida extrema, conjuntural. Mas, como se tratava de uma expressão estreitamente ligada a Paulo Maluf, expoente da direita, imediatamente a proposta do PT foi considerada ou de direita ou oportunista (o episódio não será analisado aqui; é lembrado apenas para deixar claro que a diferença entre os discursos da direita e da esquerda é claramente perceptível, e que há uma memória à qual eles são ligados).

Vejamos, agora, como essa memória irrompe na *sdr* e, em seguida, no domínio de antecipação.

3. Domínio de Atualidade dos “Pensamentos Quase Póstumos”

Para analisar o domínio de atualidade de nossa *seqüência discursiva de referência*, realizaremos uma leitura do próprio artigo, procurando contemplar seu intertexto, suas referências imediatas, seus diálogos e refutações.

O início do texto é pouco convencional, considerando-se os textos que esse espaço do jornal costuma abrigar. Costumeiramente, a seção Tendências/Debates é composta de artigos de opinião, muitas vezes escritos por intelectuais e/ou políticos, a respeito de temas sociais polêmicos. Desse modo, já causa estranheza ler “Luciano Huck” como autor de um texto nessa seção. A estranheza continua, pois é proposta uma chave inusitada de leitura, ficcional, a fim de que as frases iniciais façam sentido: “Luciano Huck foi assassinado. Manchete do ‘Jornal Nacional’ de ontem.”

Estabelece-se a relação insinuada pelo “póstumas” do título: das duas uma: ou é um texto de ficção ou, à moda de Brás Cubas, Huck escreve “do além”. Tal jogo permanece (sendo paulatinamente enfraquecido) ao longo dos dois primeiros parágrafos. A repercussão do possível assassinato de Huck é vislumbrada, seja no espaço privado de sua família (“Não veria meu segundo filho. Deixaria órfã uma pobre criança. Uma jovem viúva.”), seja no espaço público (“...uma homenagem póstuma no caderno de cultura. (...) Uma multidão bastante triste. Um governador envergonhado. Um presidente em silêncio.”).

O terceiro parágrafo, formado por duas frases secas e curtas, deslinda o mistério do jogo ficcional: “Por quê? Por causa de um relógio.” Está dada a notícia que, em manchete jornalística usual, poderia ser: *Luciano Huck corre risco de vida ao ter seu relógio roubado* ou, seguindo o modismo, *Luciano Huck corre risco de morte ao ter seu relógio roubado*, ou, simplesmente, *Relógio de Luciano Huck é roubado* ou *Luciano Huck sofre assalto*, o que, paradoxalmente, não daria nem uma manchete ou pequena nota no caderno policial.

Findo o jogo ficcional, a partir do quarto parágrafo, portanto, o tom do texto é um pouco deslocado. Huck passa a tecer considerações e a fazer análises sobre a

violência brasileira, ensaiando propostas de combate. Concentraremos nossa análise nessa segunda parte do texto, pois nela é mais clara a emergência de uma (ou mais) memória(s) discursiva(s). As afirmações de Achard e de Pêcheux, que são quase definições de MD, dão conta perfeitamente de tais enunciados e os ligam a uma anterioridade. “Se... queremos falar do papel da memória, e, por conseguinte, dos implícitos...”, diz Achard (1999: 11), e Pêcheux acrescenta: “... a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.” (Pêcheux, 1999: 52).

É justamente o que ocorre logo no início dessa segunda parte do texto:

Como brasileiro, tenho até pena dos dois pobres coitados montados naquela moto com um par de capacetes velhos e um 38 bem carregado.
Provavelmente não tiveram infância nem educação, muito menos oportunidades.

Trata-se de uma formulação do enunciado derivado da esquerda: *os marginais são efeito da desigualdade social, não tiveram infância, educação ou oportunidades*. No entanto, esse pequeno flerte com a esquerda tem um fim rápido, ainda no mesmo parágrafo:

O que não justifica ficar tentando matar as pessoas em plena luz do dia. O lugar deles é na cadeia.

que é uma atualização circunstancial / textual de um enunciado da direita: *lugar de bandido é na cadeia*.

A partir de então, Huck passa a enunciar de outro lugar, não como *brasileiro*, mas como *cidadão paulistano*:

Agora, como cidadão paulistano, fico revoltado. Juro que pago todos os meus impostos, uma fortuna. E, como resultado, depois do cafezinho, em vez de balas de caramelo, quase recebo balas de chumbo na testa.

E seguem-se argumentos e propostas típicas do posicionamento da direita, inclusive invocando a “Tropa de Elite” e o “comandante Nascimento”, e dizendo que “está na hora de discutirmos segurança pública de verdade”. Essa distinção dos dois lugares enunciativos que Huck nomeia para si evoca uma memória discursiva da FD de direita, já aludida neste trabalho, que liga, no campo da segurança pública, a direita aos valores concretos e à ação e a esquerda aos valores abstratos e à análise. Isto é, enquanto se posiciona *como brasileiro* - o que pode equivaler, nesse texto, a “teoricamente”, ou a “como ser humano”-, o discurso de Huck é de esquerda. Mas quando ele se posiciona como *cidadão paulistano* - e aqui é relevante tanto o *cidadão* quanto o *paulistano* -, é de direita. O termo “cidadão”, conforme vem sendo apontado em alguns estudos de análise do discurso, está cada vez mais próximo ao termo “consumidor”, e é exatamente essa lógica de mercado que temos aqui: o *cidadão paulistano* Huck paga *uma fortuna de impostos* e quer em troca *resultados*. O *cidadão* Huck quer que seu problema seja solucionado *de verdade*, nem que para isso haja abuso de poder e tortura. E, ao se qualificar como *paulistano*, um duplo efeito de sentido é acionado. Por um lado, temos a localização concreta, exata, da condição de Huck. O abstrato *brasileiro* afunila-se em paulista e, mais ainda, em *paulistano*. Além disso, evoca-se um outro enunciado, da

suposta eficiência de São Paulo, *a locomotiva do Brasil*, que não deveria estar sujeita a situações tão “primitivas”, dignas de uma Bogotá (“...cenário (...) [que] continua mergulhado em problemas quase ‘infantis’ para uma sociedade moderna e justa. (...) Nem Bogotá é mais aqui”).

Ao longo do texto, podemos ler outros enunciados alinhados com a direita, como “alguém consegue explicar um assassino condenado que passa final de semana em casa? [...] Ou um par de ‘extraterrestres’ fortemente armado desfilando pelos bairros nobres de São Paulo?”, em que aparece claramente a divisão da sociedade entre cidadãos de bem e criminosos, que devem estar isolados, divisão derivada do enunciado-base da direita. Mais que isso: não são nem a escória do nosso planeta, mas *extraterrestres* que têm a petulância de ficar *desfilando pelos bairros nobres de São Paulo*.

Concomitantemente, os flertes com enunciados de esquerda continuam, como na formulação seguinte, que faz a crítica da desigualdade social e, por isso, evoca o sema /justiça/: “de um lado a pujança do Brasil. Mas de outro crianças sendo assassinadas a golpe de estiletos na periferia [...]”. Ou então quando Huck se diz “à procura de um salvador da pátria”, e conta ter imaginado que este poderia ser “Mano Brown, mas no último Roda Viva descobri que ele não é nem quer ser o tal”³.

Curiosamente, e novamente encerrando o rápido flerte com a esquerda, a lista de possíveis *salvadores da pátria* continua com o *comandante Nascimento*, que só é descartado porque Huck diz que “descobri[u] que aquele na tela é o Wagner Moura, o Olavo da novela”.

A memória discursiva também irrompe em formulações como as seguintes, repetidas a cada acontecimento um pouco mais “escandaloso”: “Mas a situação está ficando indefensável” e “se você ainda não tem um assalto para chamar de seu, não se preocupe: a sua hora vai chegar”, que evoca pesquisas repetidas de tempos em tempos, que informam o percentual de pessoas já assaltadas em grandes cidades.

Também estão presentes críticas à polícia, evocando uma memória a respeito de sua ineficiência e corrupção, como em:

Onde está a polícia? (construído sobre *a polícia deve prender / garantir o cidadão*);

Quem compra as centenas de relógios roubados? (construído sobre *os ladrões roubam porque há quem compre o produto do roubo*);

Não acredito que a polícia não saiba (evoca *a polícia sabe quem são os receptadores / ela é cúmplice* - curiosamente, uma das cartas publicadas no Painel do Leitor no dia seguinte (*Folha de S. Paulo*, 02/10/2007, A3) é de um policial que diz textualmente que eles sabem onde está o Rolex roubado...).

Portanto, através da recorrência de formulações de enunciados conhecidos, alguns derivados da FD de esquerda (mas nunca “assumidos”), e a maioria derivada da FD de direita, esta *seqüência discursiva de referência* provocou forte reação; um debate que teve espaço, durante mais ou menos um mês, nas páginas de jornais, revistas e na internet. Analisaremos a seguir parte dessa repercussão.

4. Domínio de Antecipação

Nos dias seguintes à publicação do artigo de Huck e durante todo o mês de outubro, o Painel do Leitor, da *Folha de S. Paulo* publicou uma série de cartas sobre o texto. Concomitantemente, colunistas do jornal e outros escritores ou personalidades também escreveram sobre o tema. A cada novo texto, o debate se reaqueria.

Muitos aspectos poderiam ser abordados a respeito dessa intensa repercussão. O material é vasto e discursivamente interessante, e não se restringiu às páginas da *Folha de S. Paulo*. Apenas como exemplo, o portal *on line* do jornal *O Globo* publicou, em 02 de outubro, breve comentário de Luciano Huck sobre seu artigo e o assalto. Em uma declaração, inclusive, o apresentador buscava minimizar o caráter polêmico – leia-se, ideológico – de seu artigo e declarava: "Não quero repercutir o assalto. (...) Proponho que se comece a discutir o assunto para encontrarmos alguma solução: seja o capitão Nascimento, seja investimento em escolas."

Malgrado ele dizer-se indiferente em relação a propostas da direita (a repressão policial representada pelo *comandante Nascimento*) ou da esquerda (a correção de injustiças sociais representada pelo *investimento em escolas*), a notícia recebeu, em apenas um dia, mais de 700 comentários de internautas, a maioria em um tom bastante distante do conciliatório.

Dentre os textos mais longos que intervieram no debate, um marco importante foi o pequeno conto "Pensamentos de um 'correria'", do escritor Ferréz, publicado no mesmo espaço do artigo de Luciano Huck exatamente uma semana depois⁴. O texto assinado rompia com o gênero típico dos textos da seção Tendências/Debates, por ser em primeira pessoa e provir de um narrador onisciente e conhecido do assaltante de Huck, o que fica claro já no início: "Ele me cumprimenta rápido e vai pra padaria. Acordou cedo e tratou de acordar o amigo que vai ser seu garupa (...)". A história continua: o rapaz sai em sua moto, lembra-se de aspectos da sua infância e de sua realidade sofrida, pensa na sua vida, concluindo que "é melhor viver pouco como alguém do que morrer velho como ninguém". Trechos do artigo de Huck são evocados, sem citar nomes, jornais ou datas. Por exemplo: "leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável, mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem?". Até o programa televisivo de Huck é mencionado, quando o rapaz pensa que "nunca iria num programa de auditório se humilhar perante milhões de brasileiros (...) ele ganhou logo cedo um kit pobreza, mas (...) apesar de morar perto do lixo (...) não era lixo". Ou então quando, já após o assalto, decide que "iria vender o relógio (...). O cara pra quem venderia poderia se sentir como o apresentador feliz que sempre está cercado de mulheres seminuas em seu programa".

Por ser assinado por Ferréz e por estar no espaço comumente destinado a artigos de opinião, o narrador foi imediatamente identificado por alguns leitores e colunistas com o autor do texto. E as reflexões e motivações do "correria" foram tomadas como defesas abertas da criminalidade por parte do autor do texto, o que transformaria o assaltante em vítima e Huck e o "sistema" em culpados.

A partir do dia seguinte – na verdade, Fernando de Barros e Silva já o citou no próprio dia 08⁵ - houve menções ao texto de Ferréz em diversos espaços do jornal: em várias colunas, em charges e no Painel do Leitor. O debate passou a ser identificado como o de Huck X Ferréz, o primeiro representando o posicionamento da direita (*lugar de bandido é na cadeia*) e o segundo, o da esquerda (*a violência urbana tem causas sociais*). Alguns leitores e colunistas chegaram a questionar o jornal por ter cedido espaço para Ferréz "fazer apologia ao crime". Foi o caso de Reinaldo Azevedo, que argumentou que "quanto mais bandidos presos, menos crimes" e concluiu, numa

formulação em que o sema /ordem/ ganha prioridade absoluta: “A minha pluralidade não alcança tolerar idiotas que querem destruir o sistema de valores que garantem a minha existência.”⁶. O ombudsman se posicionou a respeito da questão, ponderando que “Ferréz não louvou o roubo. Elaborou ficção”⁷. Também o Caderno *Mais!* de 14 de outubro teve como tema o “Caldeirão do Desejo”, analisando a repercussão do episódio do rolex de Huck⁸.

Nesse material, que é bastante volumoso, muitas vezes as formulações retomam as mesmas posições e enunciados. Não seremos exaustivos em nossa análise. Seguindo Courtine (1981), selecionamos alguns excertos em que se vê a “existência vertical, interdiscursiva de um sistema de formação de enunciados” (p. 45), identificando o enunciado-base da direita (1 a 5 abaixo) e o da esquerda (6 a 10 abaixo). Mantivemos as letras maiúsculas, quando elas apareceram, por considerar que revelam o tom do escrito. Os grifos em negrito são nossos.

Formulações que retomam o enunciado-base da direita:

- (1) O índice de homicídios em São Paulo deve ficar neste ano em 12 mortos por 100 mil habitantes, menos da metade da taxa nacional de 31 mortos por 100 mil habitantes, justamente porque **tem quase o dobro da eficiência nacional em encarcerar criminosos que agridem a sociedade**. (José Vicente da Silva Filho, “Bandido é na cadeia”, Folha de S.Paulo, 22/10/2007, A3).
- (2) (...) gastar para **manter um predador, inclusive menor de 18 anos, longe da sociedade é um ótimo gasto social**. (José Vicente da Silva Filho, “Bandido é na cadeia”, Folha de S.Paulo, 22/10/2007, A3).
- (3) Com a **objetividade** que lhe é peculiar, Huck conseguiu expressar tudo o que a **sociedade ainda sadia está sentindo em relação à insuficiência, ou falência, explícita do sistema**. (...)Alguém precisava avisar isso aos cinco poderes (econômico, mídia, Executivo, Legislativo e Judiciário). E Huck o fez, de um jeito que **nenhum Ph.D conseguiu fazê-lo até agora no mesmo espaço**. Parabéns, Luciano Huck. Valeu! Que Deus o proteja. (José Roberto Loriaga Leão - Angatuba, SP, Folha On line, 04/10/2007).
- (4) O GOVERNO BRASILEIRO TEM QUE **POR FIM A ESSA POUCA VERGONHA, BASTA DE LADRÕES, NAO SE PODE IR NEM AO SUPERMERCADO, POIS OS LADRÕES DE BOLSAS E PIVETES ETC...ESTÃO EM TODAS AS ESQUINAS, OS TURISTAS E AS PESSOAS ANDAM PELAS RUAS COM MEDO, POIS SAO SEGUIDOS POR CRIANCAS E PESSOAS PARA ROUBÁ-LOS, VERGONHA TOTAL. MAIS POLICIAMENTO TAMBÉM NAS ESTRADAS.QUE PAÍS É ESSE? LEIS SEVERAS EM TODO O BRASIL.**” (kballz, O Globo On line, 03/10/2007).
- (5) “A população tinha era que se armar!!! Virar lei do cão. **Muito bonito os Direitos Humanos....blá,blá,blá...mas bandido não pensa duas vezes em te roubar e muito menos te dar um tiro**. Às vezes a vítima não reage, e mesmo assim leva tiro. **BANDIDO BOM, É BANDIDO MORTO!**
Não foi à toa que o público aplaudiu o Cap. Nascimento. **Queremos a polícia EXTERMINANDO BANDIDO. PENA DE MORTE JÁ!!!** Pra que prender, se a justiça solta? (Marcos Guimarães Marotta, O Globo On line, 02/10/2007).

Formulações que retomam o enunciado-base da esquerda:

- (6) Com certeza é traumático um assalto à mão armada, porém **chamar a Tropa de Elite ou quem quer que seja não será a solução do problema. Pensar em como fazer uma melhor distribuição de renda neste país seria um começo**. (Florian Buchetmann - Belo Horizonte, MG, Folha On line, 04/10/2007).

- (7) Luciano, você tem toda razão para ficar indignado com o roubo do seu rolex. **Sabe onde está a origem do problema?** Somos cento e oitenta milhões de pessoas, e destas, apenas um pouco mais de cem mil pessoas, **o equivalente a cinco mil famílias, controlam quarenta e cinco por cento de toda a renda nacional.** O que acha? (Fox Black, O Globo On line, 01/10/2007).
- (8) Acho que oferecer milhões para o cara correr atrás de uma bola e **deixar a saúde, a educação dessa forma precária que aí está realmente vai ser difícil tratarmos de segurança pública.** (xaninha78 , O Globo On line, 03/10/2007).
- (9) O Luciano Huck não me parece ser tão inteligente. **O problema que aflige a sociedade não é caso apenas de "Tropa de Elite", nem colocar um policial em cada porta de casa. O problema é mais sério. Chama-se EDUCAÇÃO.**
Será que a sua postura egocêntrica de **usar um relógio que custa 50 mil reais não é também uma das faces da violência,** humilhando o povo com uma ridícula ostentação? Diz que paga uma "fortuna" em impostos! Tem que pagar, afinal, ganharia rios de dinheiro com um programa medíocre." (Gilberto Carmo Pinheiro da Rosa , O Globo On line, 03/10/2007).
- (10) Em São Paulo, há **dois milhões de pessoas vivendo em favelas,** segundo dados da prefeitura. São cidadãos que, apesar de "abrirem mão" de uma moradia digna, de saúde, de educação e de transporte de qualidade, direitos mencionados na Constituição, não cansaram, não se indignaram nem peidaram, como tem feito a elite brasileira. **O apresentador Luciano Huck terá de abrir mão do seu Rolex, incompatível com um país de contrastes que chegou ao limite.** Passar o dia pensando em "como deixar as pessoas mais felizes e em como tentar fazer este país mais bacana" não basta. **Se a elite brasileira não aceita abrir mão do que conquistou, o povo não consegue mais viver sem o que nunca teve.** (Alfredo Caseiro - São Paulo, SP – Painel do Leitor, FSP, 03/10/2007).

Os dados selecionados são bastante representativos do que se pode encontrar no domínio de antecipação de nossa *seqüência discursiva de referência*. No conjunto das formulações do enunciado da direita, fica claro que a sociedade aparece dividida em dois grupos: os delinqüentes (retomados como “criminosos que agridem a sociedade”, “predadores”, “ladrões”, “pivetes” e “bandidos”) e os honestos (retomados como “sociedade”, “sociedade ainda sadia”, “os turistas e as pessoas”, “a população”). O primeiro grupo deve ser isolado ou eliminado através da ação repressiva do Estado (“encarcerar criminosos”, “manter um predador (..) longe da sociedade”, “mais policiamento”, “leis severas”, “queremos a polícia exterminando bandido”, “pena de morte já”). Pode-se ver também o simulacro do discurso da esquerda, considerada ineficaz, teórica, defensora dos direitos humanos dos bandidos (“manter um predador longe da sociedade é um ótimo gasto social” - *se querem gasto social, eis um eficaz* - “nenhum PhD conseguiu fazê-lo”, “muito bonito os Direitos Humanos blá, blá, blá”).

Algo semelhante acontece com as formulações do enunciado de esquerda. A desigualdade social é evocada como causa da violência urbana (“a origem do problema [é que] cinco mil famílias controlam quarenta e cinco por cento de toda renda nacional”, “deixar a saúde, a educação dessa forma precária”, “o problema que aflige a sociedade (...) chama-se EDUCAÇÃO”, “dois milhões de pessoas vivendo em favelas”). Como consequência, para o posicionamento da esquerda, a segurança pública deriva de maior justiça social (“fazer uma melhor distribuição de renda neste país”, “abrir mão do seu Rolex, incompatível com um país de contrastes que chegou ao limite”, “Se a elite brasileira não aceita abrir mão do que conquistou, o povo não consegue mais viver sem o que nunca teve”). Também ocorrem simulacros do discurso da direita, que é vista

como elitizada, egocêntrica, incapaz de analisar a situação (“chamar a Tropa de Elite ou quem quer que seja não será a solução do problema”, “oferecer milhões para o cara correr atrás de uma bola e deixar a saúde, a educação dessa forma precária”, “O Luciano Huck não me parece ser tão inteligente. O problema que aflige a sociedade não é caso apenas de ‘Tropa de Elite’, nem colocar um policial em cada porta de casa”, “postura egocêntrica de usar um relógio que custa 50 mil reais”, “não cansaram, não se indignaram nem peidaram, como tem feito a elite brasileira”).

No dia 22 de outubro de 2007, os leitores ficaram sabendo, pela coluna de Mônica Bérghamo, da Folha de S. Paulo, que “Luciano Huck vai ganhar um relógio novo. Fernando Di Gênio, da Mix TV, que dirigia o carro em que estava o apresentador quando foi assaltado, vai comprar outro para ele de presente”. À pequena nota, intitulada “Rolex Novo”, seguiam-se duas perguntas da coluna, respondidas por Di Gênio. Uma passagem da resposta chama atenção: “a gente ficou surpreso na hora, mas ainda bem que não aconteceu nada com ninguém. Relógio, a gente compra outro.”

O que faz lembrar uma cena do conto “Feliz Ano Novo”, de Rubem Fonseca:

Então, de repente, um deles disse, calmamente, não se irrite, levem o que quiserem não faremos nada.

Fiquei olhando para ele. Usava um lenço de seda colorida em volta do pescoço.

Podem também comer e beber à vontade, ele disse.

Filha da puta. As bebidas, as comidas, as jóias, o dinheiro, tudo aquilo para eles era migalha. Tinham muito mais no banco. Para eles, nós não passávamos de três moscas no açucareiro. (p.19)

A coincidência faz pensar que pouca coisa mudou nos discursos (na realidade?) nos últimos anos: os “Di Gênios”, “Hucks” e “Seus Maurícios” continuam os mesmos, e os “correrias” ainda pensam que “no final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é a sua vida, e o correria ficou com o relógio. [...] num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes.”⁹.

5. Sobre Formações Discursivas

Dentre as várias manifestações dos teóricos da AD sobre a questão das formações discursivas, uma das mais instigantes está em Pêcheux e Fuchs (1975). Após indicarem sumariamente o papel das formações religiosas na Idade Média e de darem indicações sobre o retorno de alguns de seus ingredientes em formações ideológicas burguesas, assinalam a dificuldade de

caracterizar as fronteiras reais dos objetos reais que correspondem aos conceitos introduzidos. Esta dificuldade... resulta da contradição existente entre a natureza destes conceitos e o uso espontaneamente imobilista e classificatório (...) sob a forma de questões aparentemente inevitáveis do tipo: ‘quantas formações ideológicas existem numa formação social? Quantas formações discursivas pode conter cada uma delas?’. (...) uma *discretização* de tal ordem é radicalmente impossível...” (p. 168).

Esta tomada de posição serve bem para incitar-nos a retornar sobre a análise anterior para formular algumas questões. A análise foi efetuada como se fosse pacífico que há uma formação discursiva de “direita” e outra de “esquerda”, situadas, provavelmente, no campo político (para invocar uma terminologia de Maingueneau, 1984). Em seu interior, haveria *temas* como a violência, a segurança, o papel do Estado

(na segurança, na economia), o papel dos fatores naturais e dos sociais em cada um desses outros “sub-campos” etc. Obviamente, tal análise decorre de uma tomada de decisão que não é nem “natural” nem óbvia. Decidir que o âmbito adequado da análise é o da política (e considerar os outros aspectos como temas em seu interior, eventualmente, saberes aos quais se apela) e não, por exemplo, o dos saberes (no interior do qual a política seria um dos aspectos, uma prática à qual se apela) não é trivial. É tanto uma forma de “ver as coisas” quanto uma decisão de pesquisa. Talvez, no presente caso, uma tomada de decisão sobre a relevância da política.

Esta questão é tema de um texto instigante de Maingueneau. Em “Unidades tópicas e não tópicas” (Maingueneau, 2003), mostra como a noção de formação discursiva foi de certa forma diluída, além de, efetivamente, não dar conta de todas as unidades que interessam à AD. O autor propõe, entre outras coisas, que unidades como “discurso comunista” etc. que, para a tradição da AD, eram obviamente formações discursivas, sejam consideradas “posicionamentos” (uma unidade tópica, um tipo de discurso que se caracteriza por corresponder “a espaços já ‘pré-delineados’ pelas práticas verbais” (p. 14), seja pela relação com um aparelho institucional, seja com uma luta ideológica, ou com ambos). O autor reserva a denominação “formação discursiva” para unidades cujo corpus “pode conter um conjunto aberto de tipos e gêneros de discurso, de campos e de aparelhos, de registros” (p.16), e que podem ser “unifocais” (por exemplo, o discurso racista) ou plurifocais (por exemplo, a concepção de “indígena” nas viagens de Júlio Verne e nos manuais didáticos franceses).

Se considerarmos que a gestão de um discurso por uma instituição é o traço distintivo de uma FD ou de um posicionamento, a conclusão a que se deve chegar é que direita / esquerda são formações discursivas ou que são posicionamentos? A resposta não é evidente: se, por um lado, há diversos partidos de esquerda e de direita, nem por isso se pode dizer que um deles ou alguma instituição que os unifique (como a Internacional Socialista) garanta sua gestão institucional. Por outro, também é bastante claro que o modo de gestão das esquerdas e das direitas não é tão “vago” como o são o do racismo e do machismo...

Esquerda e direita seriam unidades não tópicas plurifocais? Tratam da mesma forma a violência, o meio ambiente e outras tantas questões (aborto, união civis dos homossexuais...)? Aparentemente, sim. Um bom exemplo são dois textos de Nelson Ascher: em 08/10/2007¹⁰, no calor da polêmica, produziu bons exemplos de simulacros do discurso da “esquerda” (ela seria contra a ação do Estado no quesito segurança – nunca poderia usar a violência para reprimir; cidadãos como Huck têm que morrer e nem podem reclamar...) e referendou enunciados de direita (“...afirmar o óbvio, que lugar de bandido é na cadeia”).

No mesmo espaço (é colunista fixo do jornal FSP), em 04/02/2008, analisando a questão do meio ambiente, ataca duramente o discurso da “esquerda”, que, segundo ele, sem fundamentação científica, mas com terrorismo intelectual, pretende relacionar progresso e degradação do meio ambiente. Sumariamente, esses grupos (lobby dos verdes ou ecologistas), “como adeptos de qualquer seita”, gostam “de policiar a vida alheia e (...) de punir o sucesso de sociedades inteiras que não comungam com sua fé apocalíptica” (as desenvolvidas e as que querem se desenvolver).

Talvez o caso seja uma evidência a mais a justificar a avaliação final de Maingueneau (2003). Por um lado, fazer AD implica tentar organizar os corpora no interior de fronteiras, o que é uma forma de dar conta de sua “institucionalização”. Por outro, restringir as análises a tais casos (ou forçar os corpora a caberem em quadros

institucionais) é desconhecer que os discursos se movem entre fronteiras, ou que nem sempre cabem em seu interior. Ou seja, que a AD é uma disciplina “cindida por uma fissura constitutiva” (p. 23), pois

o sentido é fronteira e subversão de fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e forças que excedem toda localidade. Situação eminentemente desconfortável, porque vemos assim se justaporem, isto é, se imbricarem, muitas vezes, na mesma pesquisa, dois modos de abordagem heterônomos (p. 24).

Referências

- ACHARD, P. (1983). **Memória e produção discursiva do sentido**. In: P. ACHARD e outros. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.
- BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. S. Paulo: Unesp, 1994.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Esquerda nacional e empresários na América Latina**. Lua Nova, n.70. São Paulo: CEDEC, 2007 (pp.83-100).
- COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique**. Langages 62. Paris: Didier-Larousse, 1981.
- FONSECA, R. **Feliz Ano Novo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.
- FUKUYAMA, F. **The end of history. The national interest**. Washington: Nixon Center, 1989.
- MAINGUENEAU, D. (1984). **Gênese dos Discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Unidades tópicas e não-tópicas**. In: **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006 (pp. 9-24).
- PÊCHEUX, M. & FUCHS, C. (1975) **A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas**. In: F. Gadet & T. Hak (orgs.) **Por uma Análise Automática do Discurso**. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. (1983) **Papel da memória**. In: P. ACHARD e outros. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

¹ In “Candidatos ao mesmo discurso” *Folha de S. Paulo*, 19/05/2002, pág. A12.

² Os termos “honestos” e “delinquentes” foram retirados do Programa de Governo de Paulo Maluf à Prefeitura de São Paulo -eleições 2000, no site www.mutran.com.br/sites/computertots/maluf.htm.

³ Em um dos artigos posteriores, Reinaldo Azevedo chamou o rapper Mano Brown de “um bibelô mimado pelas esquerdas” (“A pluralidade e a revolução dos idiotas”, *Folha de S.Paulo*, 15/10/2007, A3).

⁴ *Folha de S. Paulo*, A3, 08/10/2007.

⁵ In “Qual é, Mano Huck?”, *Folha de S.Paulo*, A2, 08/10/2007, há o seguinte trecho: “É interessante, sem dúvida, que Ferréz, o escritor do Capão, dramatize o episódio pela ótica do assaltante (na página ao lado).”.

⁶ In Reinaldo Azevedo, “A pluralidade e a revolução dos idiotas”, *Folha de S.Paulo*, 15/10/2007, A3.

⁷ In Mário Magalhães, “Ferréz contra Huck: vale publicar tudo?”, *Folha de S.Paulo*, 14/10/2007, coluna do Ombudsman.

⁸ O caderno *Mais!* de 14/10/2007 comparava os dois “objetos mais cobiçados da sociedade brasileira – a jornalista Mônica Veloso e o relógio rolex”. O termo *caldeirão* remete ao título do programa que Huck apresenta na Rede Globo.

⁹ In Ferréz, “Pensamentos de um ‘correria’”, Folha de S. Paulo, A3, 08/10/2007.

¹⁰ In Nelson Ascher. “Entre Hobsbawn e Huck”, Folha de S.Paulo, E8, 08/10/2007.